

# Relatório de saída embarcada para observação de aves pelágicas Torres, RS

8 de junho de 2013



**Total de espécies registradas: +12**

## INTRODUÇÃO

O COA-POA foi novamente convidado a participar da saída embarcada para observação de aves e mamíferos marinhos da disciplina de Ornitologia e Mastozoologia do curso de Graduação em Ciências Biológicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, organizada pelo professor Ignacio Moreno. Esta foi a terceira vez que o COA-POA participou dessa interessante atividade. As saídas ocorrem sempre no outono/inverno, que é o período do ano mais propício à observação de aves e mamíferos pelágicos que visitam as águas jurisdicionais do Rio Grande do Sul. O deslocamento é realizado em barco fretado, que parte do píer de embarcações turísticas no rio Mampituba, em Torres, dirigindo-se inicialmente para a Ilha dos Lobos, onde é feita a observação de lobos e leões-marinhos, e depois seguindo para alto-mar, para observação de aves pelágicas.

Nossos agradecimentos ao Professor Ignacio Moreno, pelo sempre renovado convite ao COA-POA, e aos monitores da disciplina, pelo esforço e dedicação na pouco agradável tarefa de lançar iscas ao mar, sem o que provavelmente não haveria aves para se observar.

## ITINERÁRIO E SISTEMÁTICA

O embarque em Torres ocorreu pouco antes do meio-dia, com um ligeiro atraso em relação ao horário previsto (11h). O barco utilizado, com dois andares e capacidade para mais de 100 pessoas, foi maior do que nas saídas anteriores, o que garantiu maior conforto aos participantes e “menos enjoos”. O tempo estava bom, com temperatura relativamente amena para a época.

Navegamos até o lado norte da Ilha dos Lobos, onde o barco permaneceu parado por cerca de 15 min (por volta das 12:30h). Depois seguimos até uma distância de 11 milhas náuticas da costa (aproximadamente 20 km), a uma velocidade constante de cerca de oito nós. Após uma rápida parada em alto-mar, iniciamos o retorno ao continente. Na volta, um par de baleias-francas (*Eubalaena australis*) nos fez desviar o rumo para o norte um pouco antes de chegarmos novamente à Ilha dos Lobos e, por volta das 15h, retomamos o rumo de Torres.

Durante praticamente todo o percurso entre a Ilha dos Lobos e a parada em alto-mar, e também no trecho inicial da viagem de volta, restos de peixes e camarões foram lançados ao mar para atrair aves marinhas. Tão logo as iscas começaram a ser lançadas, gaivotas e *skuas* começaram a seguir o barco. Em poucos minutos havia dezenas de gaivotões (*Larus dominicanus*) e algumas gaivotas-rapineiras (*Stercorarius chilensis*) acompanhando nossa embarcação, formando um séquito de aves marinhas que só se dispersou alguns minutos depois que iniciamos o trajeto de retorno. Em seguida surgiram os albatrozes, primeiro alguns poucos, depois até 20 a 30 cercando o barco, com seu voo extremamente grácil e elegante contrastando com a desengonçada “patinada” na água na hora da decolagem. O passeio também proporcionou a oportunidade de observar de perto mamíferos como leões-marinhos (*Otaria flavescens*) e a já citada baleia-franca, ameaçada de extinção.

### **ESPÉCIES REGISTRADAS**

Nos comentários apresentados a seguir, são mencionadas apenas as espécies de aves pelágicas, marinhas e costeiras observadas durante a excursão. As espécies consideradas ameaçadas de extinção no Rio Grande do Sul, segundo o Decreto Estadual 41.672, de 11 de junho de 2002, são assinaladas pela sigla “AM” após o nome científico, seguida da sigla (sobrescrita) da categoria de ameaça na qual a espécie é enquadrada (Vu – Vulnerável). A sequência sistemática e os nomes científicos e em português estão de acordo com Bencke et al. (2010)<sup>1</sup>.

#### **ESFENICÍDEOS (pinguins)**

##### **PINGUIM-DE-MAGALHÃES (*Spheniscus magellanicus*)**

Três indivíduos que passaram nadando à frente do barco no retorno a Torres foram vistos por alguns participantes.

#### **DIOMEDEÍDEOS (albatrozes)**

##### **ALBATROZ-DE-NARIZ-AMARELO (*Thalassarche chlororhynchos*) – AM<sup>Vu</sup>**

O albatroz mais abundante durante a saída. Os primeiros apareceram logo que deixamos a Ilha dos Lobos, ainda bem perto da costa (aproximadamente 12:35h), mas não se aproximaram muito. Pouco a pouco, mais e mais indivíduos foram surgindo, seguindo o barco para comer as iscas lançadas ao mar. Em alguns momentos, até seis aves podiam ser vistas juntas na lateral do barco, pousadas na água ou em voo, enquanto várias outras voavam no lado oposto da embarcação ou mais distantes. Frequentemente boiavam junto ao barco, a pouca distância dos observadores, lembrando gansos mansos. Disputavam as iscas lançadas ao mar com os gaivotões, que eram sumariamente rechaçados

---

<sup>1</sup> Bencke, G.A.; Dias, R.A.; Bugoni, L.; Agne, C.E.; Fontana, C.S.; Maurício, G.N. e Machado, D. 2010. Revisão e atualização da lista das aves do Rio Grande do Sul, Brasil. *Iheringia*, sér. Zool., 100(4):519–556.

com uma escancarada de bico acompanhada de um grasnido grave. A maioria dos indivíduos tinha o bico com o colorido definitivo (preto com o cúlmen amarelo-ouro, ponta rosada e manchinha vertical amarela na base da mandíbula), a mancha triangular escura em frente ao olho relativamente extensa, a cabeça predominantemente branca e os lados do pescoço (em frente à asa) tingido de cinzento, formando um semicolar de extensão variável. Essa combinação de atributos indica que provavelmente eram aves subadultas. Além dessas características, algumas aves apresentavam os lados da cabeça tingidos de cinzento, traço que permite distinguir as aves adultas. Um jovem tinha o bico preto uniforme, somente com a base do cúlmen ligeiramente mais clara, enquanto alguns poucos imaturos possuíam o bico escuro com a metade basal do cúlmen amarela e a ponta mais clara. A espécie reproduz-se nas ilhas Gough e Tristão da Cunha, no Atlântico meridional.

### **ALBATROZ-DE-SOBRANCELHA (*Thalassarche melanophris*)**

Mais escasso que o anterior: o primeiro indivíduo apareceu quando já havíamos visto vários albatrozes-de-nariz-amarelo e um máximo cinco a seis indivíduos podiam ser vistos ao mesmo tempo ao redor do barco. Inicialmente pareceu arisco, não se aproximando da embarcação, mas depois se aproximou tanto quanto *T. chlororhynchos*, inclusive boiando na água ao lado do barco por longos períodos. Todos os indivíduos eram imaturos – com bico cinza-amarelado de ponta escura – ou juvenis – de bico cinza ou cor-de-chifre com a ponta e a base da maxila escuras. Prontamente distinguido da espécie anterior pelo lado inferior das asas predominantemente escuro. Na espécie anterior, o lado inferior da asa é invariavelmente branco com as bordas e a ponta escuras, em qualquer plumagem. Também é um pouco maior e mais robusto que o albatroz-de-nariz-amarelo, diferença que podia ser apreciada quando ambas as espécies boiavam lado a lado junto ao barco, esperando por alguma isca lançada ao mar. Reproduz-se no extremo sul do continente, nas Ilhas Malvinas e Geórgias do Sul.

### **PROCELARÍDEOS (petréis e pardelas)**

#### **PARDELA-PRETA (*Procellaria aequinoctialis*) – AM<sup>Vu</sup>**

Vistas em alto-mar, até 4–6 indivíduos ao mesmo tempo. Boiavam na água junto ao barco como os albatrozes, frequentemente junto destes, como que para aproveitar as sobras da refeição dos “primos” maiores. Mergulhavam completamente de vez em quando para apanhar alguma isca submersa, ficando mais tempo embaixo d’água do que os albatrozes.

#### **PARDELA-DE-BICO-AMARELO (*Calonectris diomedea*)**

A presença dessa espécie teria passado despercebida se uma foto de uma ave distante não tivesse sido tirada por um dos excursionistas. Embora a foto não permita visualizar detalhes, as características da plumagem, em particular o desgaste das coberteiras superiores das asas, sugerem tratar-se de um juvenil.

A forma observada é *C. d. borealis*, com reprodução em ilhas do noroeste do Atlântico.

### **PARDELA-GRANDE-DE-SOBRE-BRANCO (*Puffinus gravis*)**

Dois indivíduos passaram voando ao longe em alto-mar. Reconhecidos pelo boné escuro separado da plumagem do dorso por um semicolar branco e pela mancha clara em forma de “U” no uropígio, separando cauda e baixo dorso escuros. A plumagem escamada de branco no lado dorsal sugeriu uma ave com plumagem nova, mas a ausência da mancha escura no centro do abdômen em uma das aves indicaria o contrário.

### **PARDELA-PEQUENA (*Puffinus puffinus*)**

Três aves pequenas que passaram em voo rápido a grande distância do barco foram identificadas como pardelas-pequenas pelo tamanho e pelo padrão da plumagem (brancas por baixo e escuras por cima). A espécie é esperada em águas territoriais gaúchas mais tarde, a partir de julho. A reprodução ocorre em abril e maio nas Ilhas Britânicas e em outras ilhas do noroeste do Atlântico.

### **FREGATÍDEOS (tesourões e fragatas)**

#### **TESOURÃO (*Fregata magnificens*)**

Um macho foi visto na Ilha dos Lobos no trajeto de ida e um jovem de cabeça e peito brancos sobrevoou bem alto o nosso barco no caminho de volta, já perto de Torres.

### **FALACROCORACÍDEOS (biquás)**

#### **BIGUÁ (*Phalacrocorax brasilianus*)**

Vários indivíduos vistos pousados ao longo do trecho final do rio Mampituba.

### **ESTERCORARÍDEOS (gaivotas-rapineiras ou skuas)**

#### **GAIVOTA-RAPINEIRA-CHILENA (*Stercorarius chilensis*)**

Logo após a travessia da zona de arrebentação, 5–6 gaivotas-rapineiras que estavam associadas a um barco de pesca estacionário passaram a seguir nossa embarcação tão logo passamos ao largo. Pelo menos parte dessas aves, senão todas, eram gaivotas-rapineiras-chilenas. Durante praticamente todo o tempo em que as iscas foram lançadas ao mar, pelo menos uma ou duas gaivotas-rapineiras podiam ser vistas ao redor do barco, às vezes até três ou quatro de uma vez. A diagnose ao nível de espécie dos representantes desse gênero é muito difícil e as condições de luz no período da excursão – com sol elevado –, em combinação com o constante balanço do barco, dificultaram a observação de detalhes da plumagem que são essenciais para uma identificação segura. Porém, todas as aves que puderam ser bem vistas ou fotografadas apresentavam o alto da cabeça mais escuro que a nuca e pescoço adjacentes, formando um esboço de “boné”, além de tons ferrugíneos na plumagem do lado

inferior, nas coberteiras inferiores das asas e na base da cauda, características que permitem reconhecer *Stercorarius chilensis*. O tamanho do bico das aves também aponta para essa espécie. Uma das aves pareceu mais escura e poderia ser de espécie diferente, contudo. A gaivota-rapeira-chilena reproduz-se no extremo sul do continente e é um visitante de inverno relativamente comum ao longo da costa do Rio Grande do Sul.

### **LARÍDEOS (gaivotas)**

#### **GAIVOTÃO (*Larus dominicanus*)**

A espécie mais abundante ao longo de todo o trajeto. Aves de todas as idades e plumagens seguiam o barco, às dezenas.

### **ESTERNÍDEOS (trinta-réis ou andorinhas-do-mar)**

#### **TRINTA-RÉIS (*Sterna* sp.)**

Alguns indivíduos ocasionalmente se juntavam ao bando de gaivotões e seguiam o barco por alguns minutos, inclusive em alto-mar. Não foi possível identificar com segurança as aves vistas, mas muito provavelmente algumas eram trinta-réis-de-bico-vermelho (*Sterna hirundinacea*), a julgar pelo tamanho e padrão da plumagem das terciárias.



Grupo do COA-POA que participou da excursão para observação de aves pelágicas em Torres, com o barco ao fundo.

Relação dos participantes (em ordem alfabética):

Aline Brugalli Bicca  
Aurélea Mäder  
Cybele Kelm Marques  
Diógenes Borges Machado  
Everton Piagetti  
Felipe Lohmann Arend  
Fernanda Arboite de Oliveira  
Glaysen Ariel Bencke  
Jair Gilberto Kray  
Leandro da Rocha Corrêa  
Leticia Brugalli Bicca  
Luciana Pêss  
Marcelo de Brum Santiago  
Marcelo Meller Alievi  
Maria do Carmo Both  
Osmar Sehn  
Paulo Fenalti  
Roberto Artigalás  
Rosane de Amorim Gonçalves  
Ruben Antônio Poerschke  
Sandra M. Contreras Rodriguez  
Walter Hasenack  
William John Raencke

Compilado por Glaysen Ariel Bencke